

ICLE, Gilberto. Estudos da Presença e Etnocenologia: uma crítica à interpretação na pesquisa. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul; professor Adjunto Orientador. Ator e Diretor.

RESUMO

Procura-se discutir as bases não interpretativas dos Estudos da Presença e suas ligações com pressupostos da Etnocenologia. Trata-se de elencar pontos da crise da representação nas ciências humanas e na filosofia e traçar uma crítica à interpretação como acesso exclusivo ao mundo e à experiência. Esse tipo de análise — próprio dos Estudos da Presença — pretende enfatizar a dimensão de presencialidade, tangibilidade e *coisidade* que as práticas performativas possuem, na medida em que são corporais por excelência, procurando tirar a ênfase dos significados que atribuímos a elas. Assim, os Estudos da Presença se articulam em torno do objetivo de evitar a interpretação como único e exclusivo acesso à verdade e ao conhecimento. A partir de Pradier e Gumbrecht, mostra-se como a interpretação, no Ocidente, tornou-se elemento central das pesquisas e modelo de conhecimento. De fato, a pesquisa sobre as práticas performativas implica a necessidade de alargamento de tais possibilidades de investigação. O trabalho apresenta, com Gumbrecht, possibilidades de pensar as formas de apropriação do mundo que ultrapassam a interpretação: a antropofagia (comer o mundo), a sexualidade (penetrar o mundo), o misticismo (possuir o mundo).

Palavras-chave: Estudos da Presença. Etnocenologia. Interpretação. Práticas Performativas.

ABSTRACT

This text intends to discuss the non-interpretative basis of the “Studies of Presence” and its links with the assumptions of the ethnoscenology. It lists points of the crisis of the representation in the humanities and in the Philosophy. It also traces a criticism of the interpretation as an exclusive access to the world and to the experience. This kind of analysis – so particular of the Studies of the presence – intends to emphasize the dimension of the presence, of tangibility and of thingliness that performative practices have, taking into account that they are mainly body practices, with the view to de-emphasizing the meanings that we attach to them. Then, the Studies of Presence articulate to the surrounding of the objective of avoiding the interpretation as an only one and exclusive access to truth and knowledge. Anchored in Pradier’s and Gumbrecht’s investigation, this work shows how the interpretation, in Western world, became a central element of research and an example of knowledge, indeed, the search about the performative practices suggests the need of the extension of such possibilities of investigation. Last, the work presents with Gumbrecht, some possibilities of thinking ways of appropriation of the world that surpass interpretation, namely, cannibalism (“to eat the world”), sexuality (“to penetrate the world”) and mysticism (“to own the world”).

Keywords: Studies of Presence. Ethnoscenology. Interpretation. Performative Practices.

Este texto pretende problematizar os Estudos da Presença — acepção de pesquisa voltada às dimensões não interpretativas das práticas performativas — a partir de uma aproximação com a Etnocenologia. Nesse sentido, procurar-se-á investir em alguns fundamentos epistemológicos da presença e como a Etnocenologia fornece pistas para uma visão interdisciplinar e sistêmica.

O problema dos limites da palavra havia sido explorado por boa parte dos diretores-pedagogos do século XX, entre eles, sem dúvida, os trabalhos de Antonin Artaud e Etienne Decroux são exemplares. No caminho dessa problemática, Eugenio Barba e o grupo de pesquisadores e artistas que compõem a ISTA (International School of Theater Antropological) circunscrevem os elementos da presença em torno do paralelismo com o significado, ao cunhar o termo pré-expressividade. O nível que se ocupa da organização do *bios* cênico do trabalho do *performer* é compreendido como uma dimensão na qual o corpo cênico se constitui como *locus* da presença, tendo uma experiência que não está ligada diretamente aos significados. A Antropologia Teatral propõe, com efeito, compreender a presença como uma dimensão apartada dos conteúdos semânticos que a tradição semiótica e linguística tanto haviam enfatizado. A presença seria, portanto, um modo não semiótico de chamar a atenção do público em paralelo com a atração que os significados implicam para o público (BARBA, 1993).

Aparentemente, essa visão — de entender os significados como paralelos e mesmo deslocados da experiência da presença — foi amplamente descrita e analisada por uma série de filósofos e pensadores do século XX. A crítica à interpretação emerge da discussão segundo a qual a representação — como modo operante das ciências humanas e da filosofia no Ocidente — é insuficiente e lacunar para expressar a experiência humana.

Nesse caldo epistemológico, a emergência da Etnocenologia na década de 1990, parece sinalizar uma tentativa de crítica à hegemonia das perspectivas semióticas como carro chefe da pesquisa em Artes Cênicas. Tal empresa, com efeito, conta com a ideia de que tanto os artistas quanto os estudiosos possuem visões pertinentes aos estudos das práticas performativas. Assim, um estudo multifocal, pois sistêmico — que leva em consideração análises endógenas e exógenas (PRADIER, 1996) —, aparece como proposição etnocenológica de análise, na intenção de fazer valer visões diferentes e nem sempre possíveis de serem alinhadas do ponto de vista epistemológico. Isto significa dizer, ainda, que perspectivas obliteradas na tradição logocêntrica do pensamento euro-americano tais como as dimensões que escapariam da alçada da linguagem (compreendida como processo de significação), a presença, por exemplo, deveriam ser recolocadas nas perspectivas de investigação das práticas performativas. Tal objetivo é bastante evidente na crítica *etno* (evidenciado, inclusive, no uso desse prefixo) que Jean-Marie Pradier (2000) faz do *logos* ocidental e da conseqüente visão de corpo fragmentado e científico construído no Ocidente a partir do século XV.

Nessa perspectiva, a dos Estudos da Presença, a possibilidade de pensar a minimização da importância do significado se torna crucial e central como olhar por intermédio do qual as práticas performativas — e, sobretudo, a análise dos processos criativos — podem ser pensadas, analisadas e discutidas.

Assim, interpretar, dar significados às coisas do mundo, é tanto uma ordem colocada em suspenso pela crítica à interpretação na filosofia, quanto uma vontade de não interpretação proposta por uma diversidade de artistas da cena contemporânea.

Minimizar a força atrativa que a interpretação tem para nós configura um esforço dos Estudos da Presença para evidenciar a possibilidade de pensar alternativas à pesquisa das práticas performativas. Dar significado ao mundo e às coisas do mundo não é suficiente para compreender a experiência da presença, o ritmo que move e anima corpos em ação durante uma performance.

A presença, assim, configura uma dimensão esquecida de nossa cultura. Gumbrecht (2004) mostra como a era moderna se estruturou em torno da ideia de que a representação forneceria a nós os elementos por intermédio dos quais seríamos capazes de acessar o mundo, conhecê-lo, dominá-lo. A cisão que fez disso o carro-chefe de nossa compreensão está expressa na divisão entre corpo e espírito (ou mente), segundo a qual tudo se divide em profundidade (espírito ou mente) e superfície (corpo, texto).

A partir dessa divisão, se impôs com força avassaladora a necessidade da interpretação, ferramenta por intermédio da qual teríamos a capacidade de extrair da profundidade os significados que encontraríamos no corpo (a superfície) uma barreira. O corpo nessa acepção seria obstáculo para se compreender aquilo que vem engendrado em profundidade na alma e, portanto, apenas uma *boa* interpretação poderia garantir o acesso ao significado *correto* da experiência.

A modernização pela qual nossas sociedades ocidentais passaram negligenciou, pouco a pouco, a tangibilidade do corpo; apartou a ideia — muito presente no teatro medieval, por exemplo — de *coisidade* do corpo, de materialidade. O interesse das ciências humanas e da filosofia paulatinamente se direcionou ao que tais coisas e experiências significam; a que significados podemos atribuir a elas. Por isso, a hermenêutica, como ciência da interpretação e a fenomenologia, como filosofia segundo a qual o homem é que atribui significado ao mundo, foram centrais nesse processo e, ao mesmo tempo, as protagonistas da crise da representação.

É evidente, contudo, que não temos como evitar totalmente as interpretações, não haveria possibilidade de apartar os significados — isso constitui nosso próprio modo de pensar. Qual o desafio que se impõe, então, aos Estudos da Presença na sua pretensão de evitar os métodos interpretativos?

A começar pelo tipo de análise que se visa trabalhar, os Estudos da Presença não se ocupam com exclusividade das obras prontas, mas, sobretudo, dos processos criativos que conduziram a essas obras. Elas, com efeito, são consideradas na sua totalidade, sendo a recepção apenas uma parte de um longo processo — e nem sequer o seu término.

Descrever o processo criativo constitui uma potência criativa sobre o próprio processo. No ato de descrever, não compreendido como a comunicação linear de fatos e acontecimentos ocorridos, mas como invenção de modos particulares de dizer e pensar as práticas performativas, constitui-se a possibilidade de atravessar a linearidade da narrativa e ultrapassar os modos hegemônicos da pesquisa. Trata-se de pensar novos conceitos, novas noções que se localizam no entre-lugar da prática e da teoria.

É assim que Gumbrecht (2004) fala em outros modos de apropriação do mundo que são diferentes da interpretação. Ele fala em “comer o mundo”; “penetrar o mundo”; e, “possuir o mundo”.

Em muitas práticas performativas há um movimento que lembra comer. Não é difícil lembrar que no Brasil a metáfora antropofágica foi e ainda é mote para muitas criações.

Essa forma de pensar o mundo, de se apropriar da experiência representada aqui pela ação de “comer o mundo”, implica colocar em evidência a parcialidade da interpretação como único meio capaz de se chegar à verdade. Em muitas das nossas práticas artísticas, nos apropriamos das coisas do mundo “comendo-as”, ou seja, não damos significado a exercícios e movimento, mas, ainda assim, nos apropriamos por intermédio da antropofagia que eles nos oferecem.

A sexualidade, com efeito, constitui um modo de penetrar o mundo (não apenas no que isso tem de literal), de se fundir com ele; o correlato dessa ação ser penetrado é próprio daquela sensação que procuramos descrever quando apreciamos de forma intensa uma prática performativa, por exemplo. A experiência com a música pode ajudar a compreender a experiência por intermédio da qual nos deixamos “penetrar” pelos sons, sem, necessariamente, significá-los.

“Possuir o mundo”, da mesma forma, lembra, sobretudo, os rituais, as religiões afro-brasileiras e as práticas artísticas nas quais os oficiantes precisam “se entregar” aos deuses, espíritos ou simplesmente a movimentos repetidos, danças, gestualidades com as quais podemos nos sentir ou suscitar no Outro a sensação de possessão.

Assim, ao procurar encontrar alternativas aos modos hegemônicos de significar as práticas performativas — ainda que se saiba da insuficiência e parcialidade de tal empreitada —, criam-se noções alternativas e sempre moventes, apenas como uma perspectiva. Portanto, os Estudos da Presença não são uma disciplina, mas uma abordagem, uma tentativa de minimizar as interpretações

como única forma de análise das práticas performativas e de incluir os processos criativos no centro da discussão. Tarefa sempre provisória, é claro, mas que convida também os próprios artistas a darem vozes a um tipo de pesquisa que não é a simples descrição de fatos e acontecimentos, mas uma polifonia de visões e movimentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio. **La canoa di carta**. Bologna: Il Mulino, 2001.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Production of presence**. Stanford: Stanford University Press, 2004.

PRADIER, Jean-Marie. **Ethnoscénologie**: la profondeur des émergences. La scène et la terre: questions d'ethnoscénologie. Internationale de l'imaginaire. Maison des cultures du monde. n. 5, 1996, pp.13-41.

_____. **La scène et la fabrique des corps**: Ethnoscénologie du spectacle vivant en Occident (V^e siècle av. J.C. – XVIII^e siècle). Bordeaux: Presses Universitaires Bordeaux, 2000.